



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

MONOGRAFIA EM LITERATURA

STHER DOS SANTOS CORREIA

**RELAÇÃO ENTRE CORPO E ESPAÇO EM
*DIÁRIO DE BITITA E BECOS DA MEMÓRIA***

BRASÍLIA

2021

STHER DOS SANTOS CORREIA

**RELAÇÃO ENTRE CORPO E ESPAÇO EM
*DIÁRIO DE BITITA E BECOS DA MEMÓRIA***

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes

BRASÍLIA

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todo mínimo cuidado durante a minha graduação e por Seu infinito Amor.

Aos meus familiares, de modo especial a minha vó que sempre me ajudou durante o curso, e a minha irmã Rebeca por ser a melhor pessoa da minha vida e por ter me ouvido falar incansavelmente da UnB e de tudo que acontecia nos meus dias.

À minha orientadora Cíntia Schwantes, por ter aceitado orientar-me com paciência e disponibilidade, por tornar a escrita da monografia algo leve e prazeroso.

Às melhores amigas que eu poderia ter na graduação, Stephanie Lorrane e Viviane Pedrosa. À minha melhor amiga Maria Souza pelo seu amor e cuidado incondicional, por ser tão presente em minha vida ao ponto de saber antes de mim que eu havia entrado na UnB.

Às minhas amigas Ana Crystyna e Thais Alves que caminham comigo desde o Ensino Médio e permanecem ao meu lado com todo apoio e cuidado. À Jade Nicolella por ressignificar o valor da amizade em minha vida e por ser presente de forma incondicional.

À Luana Viana por ser inspiração em todos os sentidos e por ser um tesouro que encontrei no caminho da graduação. À Gabrielle Silva por estar sempre presente, por me apoiar e me enxergar melhor do que sou.

À Maria de Fátima Correa por me enxergar melhor do que sou, pelo incentivo e por acreditar que é por meio da educação que conseguiremos, de fato, o progresso no país.

Às Irmãs da Sagrada Família de Maria pelo afeto, pelas orações e por fazer a minha vida mais feliz: Irmã Amélia, Irmã Dita, Irmã Faustina, Irmã Leontina, Irmã Lúcia, Irmã Lucila; e de modo especial à Irmã Elka e à Irmã Cecília por serem profissionais da educação, por todo empenho e toda dedicação.

Ao Padre Samuel do Carmo pela amizade, pelo afeto, pelo exemplo e pelas orações. À Irmã Eliane pela atenção, pelo cuidado e pelo incentivo. E, sobretudo, por demonstrar que estar ao lado dos pobres, oprimidos e marginalizados é, de fato, seguir Jesus.

Aos professores que tive aula durante a graduação, de modo especial ao André Luís Gomes por ter sido um excelente professor, pela atenção particular e por ensinar a potência do teatro como ato revolucionário. E à Regina Dalcastagnè por mudar a minha visão de mundo e a minha perspectiva sobre a literatura, pelo seu coração generoso e humano, pela escuta e por me mostrar posicionamentos políticos que são inegociáveis.

RESUMO

O presente trabalho visa analisar as obras *Diário de Bitita*, de Carolina de Jesus, e *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, à luz dos estudos pós-coloniais. Repensa a construção das narrativas brasileiras que sempre foram marcadas por escritores homens, brancos e de classe média. De modo a analisar criticamente o pensamento cristalizado que construiu uma Literatura baseada na estética do branqueamento e na exclusão. Nesse sentido, as obras em foco possibilitam uma análise do cânone literário. Ambas têm como centro as vidas negras periféricas e demonstram as opressões de gênero, raça e classe vivenciadas pelos personagens. O espaço periférico será considerado elemento estrutural, pois é a base das vivências, das relações e dos conflitos. Desse modo, o trabalho tem como norte a junção de vozes das autoras e a representatividade na escrita a partir das vivências e das perspectivas sociais que estão posicionadas.

Palavras-chave: Narrativas; Vidas negras; Opressões.

ABSTRACT

The presente research aims to analyze the books *Diário de Bitita*, by Carolina de Jesus, and *Becos da memória*, by Conceição Evaristo, from the viewpoint of post colonial studies. We aim to re-think Brazilian narratives, which has always been marked by male, white, middle class writers. So we can critically analyze the crystalized thinking which built a literature based on white-washing and exclusion. In this sense, the works analyzed here make possible an analysis, also, of the literary canon. Both books have at their center black peripheral lives, and demonstrate class, gender and race oppressions endured by the characters. The peripheral space will be considered as a structural element, since it is the basis of the conflicts and experiences. Thus, this work has as its compass the union of the voices of the female authors and the representativity in their writing departing from their experiences and from the social perspectives from where they are placed.

Key words-chave: Narratives; Black lives; Oppressions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	10
CAPÍTULO II	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

As obras *Diário de Bitita* (1986) de Carolina Maria de Jesus, e *Becos da memória* (2013) de Conceição Evaristo, possuem o fio narrativo costurado por meio das vivências das protagonistas. O modo de descrição tem o poder de reavivar na memória a identidade e o lugar de fala presenciados. São, ambas, produções de mulheres negras e pobres que refletem a realidade por meio da escrita.

O espaço em que o indivíduo está inserido influencia a sua perspectiva social; é por meio desse local que se constrói uma visão de mundo. O modo de ver, pensar, agir e expressar é formado a partir da localidade em que se vive. A narrativa, mais do que uma ferramenta para dizer, é uma arma de poder. Dessa forma, escrever sobre aquilo que o cerca, conforme referenciais de espaço e de mundo vividos, é um instrumento de representatividade. Além de conferir o poder de acender o pertencimento por meio das histórias que se inserem na obra.

As narrativas brasileiras sempre foram marcadas por escritores homens, brancos e de classe média. As obras em foco abordam questões que são largamente ignoradas na literatura canônica. As escritoras são referenciais na escrita sobre o modo de escrever a cidade, além de trazerem o negro como protagonista da história, lugar nunca antes ocupado dentro da tradição literária. A percepção dentro da literatura brasileira é a de que a dinâmica literária foi composta pela elite considerada intelectual, e continuamente foi organizada de maneira excludente.

Desse modo, pretende-se nesta monografia analisar *Diário de Bitita* e *Becos da memória* à luz dos estudos pós-coloniais. As obras em evidência, além de obrigarem a uma revisão do cânone literário, demonstram as consequências do colonialismo a partir das narrativas do cotidiano daqueles que vivem à margem. Nos estudos pós-coloniais, o processo da colonização e a manutenção do poder imperial que sempre se estruturaram com a exclusão do negro, ganham destaque.

O trabalho será dividido em dois capítulos. O primeiro abordará *Diário de Bitita* e o segundo *Becos da memória*, ambos com o objetivo de demonstrar as opressões de gênero, raça e classe vivenciadas, mediante a compreensão do poder da escrita como representação de liberdade e enfrentamento à classe dominante. Os capítulos têm como finalidade tratar as obras como uma junção de vozes.

Os cenários são determinantes nas narrativas, uma vez que são agentes assim como os personagens. Nascer pobre, sem oportunidades, sofrer preconceitos raciais e sociais, influencia na agência e na formação de caráter do indivíduo ao longo da vida. Nas obras, observa-se que os lugares físico, social e racial têm protagonismo e contribuem para as vivências dos personagens.

A opção pelas autoras e suas respectivas obras deu-se em razão de serem escritoras afro-brasileiras e por terem como enfoque as vidas negras periféricas. O espaço é o elemento estrutural, pois os personagens se constroem em perdurável conflito com o mesmo, além de ser a base da união e das relações estabelecidas. Nos livros são narrados o modo que as pessoas sobreviviam diante de situações precárias, suas pegadas têm como base o corpo dentro da condição de espaço que repercute nas vivências.

Em *Diário de Bitita*, a protagonista é injustiçada, tratada com descaso e descreve toda a adversidade enfrentada pela falta, como a ausência de acesso à recursos básicos. Em *Becos da memória*, a protagonista Maria-Nova reaviva em suas memórias as histórias escutadas, e cada descrição recupera a ancestralidade de personagens, como as de Vó Rita, Ditinha, Maria-Velha, Tio Totó, Bondade, Negro Alírio.

A falta de conhecimento do mundo letrado pode ser compreendida como problema responsável pela manutenção da desigualdade entre brancos e negros. A representatividade que a leitura tem em ambas obras é um ponto a ser destacado. Quando a protagonista Bitita tem acesso à escola, aprende a ler e a escrever. Ao longo do tempo é nítida sua compreensão do poder da leitura, pois ela sentia que ao ler adquiria conhecimentos sólidos e tinha mais possibilidade de compreensão do mundo que a cercava.

O personagem Negro Alírio, em *Becos da memória*, aproveitava a noite para ler e ensinar os operários que trabalhavam juntos na construção civil. Incentivava a todos e dizia que mais do que aprender a ler, era necessário saber interpretar a própria realidade. Esse aprendizado é revolucionário, pois a leitura retira vendas, abre uma cortina de conhecimento e liberta das correntes construídas por uma sociedade opressora. Ler é a potência de arquivar-se.

Desse modo, a junção de vozes das autoras e a tentativa de fazer emergir as produções de mulheres negras por meio das criações literárias, contribuem para a negação da visão colonial que determinou a literatura pela estética do branqueamento e da exclusão. Além disso, as obras evidenciadas fazem parte de uma literatura que não vem de fora, mas com o olhar e a experiência daqueles que sofrem preconceitos. As narrativas em foco descontrolam o estereótipo

considerado canônico. Em síntese, torna-se fundamental ao abordar as obras literárias em questão, trazer a compreensão da literatura de autoria feminina e negra como marca de pertencimento, que dá voz a um grupo historicamente silenciado e invisibilizado.

CAPÍTULO I

*Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora.
Carolina Maria de Jesus*

Diário de Bitita

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, uma das primeiras autoras negras publicadas no Brasil. Nasceu na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. Sempre foi apaixonada pela leitura. Sua vida foi atravessada pela miséria e pela fome. Favelada e catadora de papel, narrava em seus escritos a vida árdua e pesada que teve desde a sua infância. O seu primeiro livro e de maior sucesso foi *Quarto de Despejo*, publicado em 1960. As suas obras têm como ferramenta a denúncia social que parte de alguém que vivia efetivamente em uma condição de vida depredada. Além de escrever romances, também escreveu contos, crônicas, poemas, peças de teatro, canções, escritos dotados de um estilo próprio.

A observação da falta de espaço para os negros, em meio a uma literatura marcada pela classe média, branca e masculina, possibilita questionar a perspectiva de quem escreve. Além disso, é necessário compreender a problemática da literatura excludente manifestada apenas por homens brancos, tendo em vista a perspectiva social, pois há pessoas situadas em diferentes formas na sociedade. Estar preso a essa literatura é estar preso a uma construção social. Desse modo, Regina Dalcastagnè (2015, p. 43) considera que

Assim, negros e brancos, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de maneiras diversas. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo a partir de uma perspectiva diferente.

A literatura é uma ferramenta que deve permitir a busca da confirmação no mundo por meio da representação. A perspectiva social traz a ideia de que cada pessoa ocupa um lugar; vê, pensa, age, se expressa a partir desse local. Existe a diferença entre ser mulher, homem, negro, branco, da favela ou da elite. O autor pode se deslocar e ver de fora para narrar sobre, mas esse deslocamento não chega longe, pois é mais fácil escrever sobre aquilo que o cerca. As perspectivas sociais diferentes possibilitam enxergar pelo horizonte e pelo espaço social do

outro. Desse modo, a literatura não é apenas uma realidade, mas a tentativa de relatar sobre algo através de um panorama.

Assim como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus manifesta o que é ser mulher e negra, cada uma a seu modo conforme as vivências e a perspectiva em que estão posicionadas. Ambas as obras são um convite para vivenciar as durezas do cotidiano. De acordo com Dalcastagnè (2015), Carolina de Jesus trabalha a sua escrita por meio da repetição, salienta a angústia e a miséria na cidade na tentativa de aproximar e fazer sentir o sofrimento vivenciado com o leitor. Conceição Evaristo também o faz, mas por meio da memória afetiva.

Dessa maneira, a literatura torna visíveis as situações que são tomadas como “invisíveis”. O modo como se forma a identidade a partir do deslocamento e de ouvir o outro é semelhante com *Becos da memória*, pois Bitita também era uma andarilha. Assim, ambas as obras expressam a condição do negro que "Hoje estava aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar." (JESUS, 2014, p.61)

No que se refere à escrita, Dalcastagnè (2015) destaca que, nos textos de Carolina de Jesus, é possível notar tanto o desconforto experienciado nos espaços hostis quanto o comportamento dos corpos insubmissos, dispostos a ocupar lugares que não lhe são designados. A cidade não é compreendida como paisagem ou retrato, mas como elemento subjetivo e espaço de empoderamento, que se autentifica por meio da escrita. Diante desse aspecto, percebe-se que por meio de seus registros e de profundas reflexões sobre os espaços públicos do Brasil, a sua escrita e as suas experiências são validadas.

A narrativa em *Diário de Bitita* é descrita do ponto de vista da protagonista Bitita, personagem pobre e desfavorecida, que desde criança era inquieta e cheia de questionamentos, pois não entendia a sociedade. Através do seu olhar, o leitor tem acesso às questões sociais. Nota-se que a personagem observa tudo a sua volta: aspectos como a solidão da mulher negra, a saúde, a relação entre o homem e a mulher, as diferenças entre o branco e o negro, o rico e o pobre. Fatores que se distinguem de acordo com a raça e a localidade, tanto no aspecto físico quanto no social, tendo em vista que sempre há privilégio quando se trata de homem e, principalmente, branco.

Nesse sentido, a obra tece uma colcha de retalhos costurando diversos pedaços de histórias e vivências de pessoas, que, juntas, compõem um quadro plural e complexo na apreensão da configuração do Brasil rural pós-colonial por meio da fala do sujeito negro. A

vida é estruturada por capítulos de um cotidiano marcado pela diferenciação social, pelo racismo estrutural e pela violência em diversos níveis.

A obra, ao que afirma Fernanda Miranda (2019), é uma caracterização narrativa da experiência histórica negra no Brasil pós-abolição. Por meio da escrita da memória, é tecida a amplitude do olhar que filtra a exclusão do sujeito negro como aspecto nuclear da manutenção da colonialidade nacional, que sintetiza a permanência das estruturas escravocratas após o término da escravidão. A partir da descrição do cotidiano da personagem Bitita e de sua comunidade, a narrativa desnuda um mundo social regido por uma dinâmica literalmente racializada.

O diário enfatiza o quadro social e político no qual a raça era a principal categoria na articulação de pertencimento ou não do sujeito à nação. Para a melhor compreensão desse aspecto, Miranda (2019) evidencia a ampla exclusão do negro do *status* de cidadão após 1888, apresentada mediante diversos aspectos como o analfabetismo da população, a permanência do trabalho escravo, a dificuldade de acesso à equipamentos públicos de forma geral, o racismo sistêmico.

A protagonista Bitita é uma menina de pele escura. O dado de sua negritude é frequentemente apontado na narrativa como aspecto implícito da diferenciação social, sua infância foi marcada racialmente pela inferiorização. De acordo com Miranda (2019), esse aspecto pode ser percebido nos seguintes trechos: “Quando alguém ia me xingar era: – Negrinha! Negrinha!” (2014, p.76). “Dona Cota, espanca esta negrinha! Que menina cacete. Macaca” (2014, p.17). “Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se fosse minha filha eu matava.” (2014, p.18). A violência presente em volta do corpo negro molda a subjetividade da personagem.

Nessa linha de compreensão, nota-se que a raça e o racismo contribuem na narrativa de forma transversal e sob vários pontos de vista. A personagem Bitita diz que sabia que era negra por causa dos meninos brancos, que em brigas a chamavam de negrinha fedida. No texto, a dor, a violência e a revolta são destacadas em fragmentos construídos por expressões racistas referentes ao cabelo, relacionando o negro como filho de macaco, ou até mesmo pela vontade de jogar pedras. Desse modo, são descritos diversos discursos em torno da experiência histórica negra que abarca memórias coloniais.

A leitura é um tema relevante do ponto de vista de Bitita, que entendia como a capacidade de ler/compreender o contexto ao redor, dá-se mesmo sem ter sido alfabetizada. A

história do letramento da personagem representa o lugar de poder branco na ordem colonial, visto que foi matriculada na escola por ordem da patroa de sua mãe. A escola, mesmo sendo um espaço opressor para os negros, é central na perspectiva de romper com a subalternidade. A influência da alfabetização percorre toda a narrativa, com intuito de defender que a saída para a estagnação da comunidade negra estava na escolarização.

A falta de conhecimento do mundo letrado é compreendida como problema responsável pela manutenção da desigualdade entre brancos e negros. Fatores como não saber ler, não ser oficialmente registrado, não ter direito ao voto, não acessar os atributos da cidadania brasileira fortalecem a ideia de que só os brancos eram considerados brasileiros e que os negros eram mantidos na posição de sub-cidadãos dentro da nação.

Miranda (2019) destaca que a ideia de que a nação brasileira não estava disponível para os negros é latente nas publicações da escritora Carolina de Jesus como um todo, além de estar profundamente ligada à percepção de que a abolição não se concretizou de fato. Desse modo não haveria, na perspectiva da escritora, a real transição do lugar de ex-escravo para o sujeito nacional, com todos os direitos e atribuições.

Na obra, é descrito que a maioria dos negros era analfabeta e que só no ano de 1925 as escolas começaram a admitir alunas negras. Todavia, as estudantes voltavam chorando pois eram atacadas pelos brancos, além de ser retratado que as próprias professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. Rui Barbosa é mencionado na narrativa pelo seu discurso do negro ter direito de ir à escola, afirmando que o analfabeto não tem forças para evoluir na vida. Ele acreditava que quando os negros aprendessem a ler, saberiam defender-se e não aceitariam a coleira com humildade. Para ele, o Brasil não era para os brasileiros. O jurista pensava que um Brasil grandioso seria aquele em que não existissem analfabetos no torrão.

A visão de que os negros não tinham capacidade, mencionada no discurso dos doutores de Coimbra, reforça na protagonista Bitita um olhar duvidoso de suas possibilidades. Esse fator é determinante, uma vez que o que sai da possibilidade de ver, sai do imaginário coletivo. Se Bitita, uma personagem inquieta que tinha uma mentalidade mais consciente comparada aos demais, começa a questionar suas potencialidades, significaria que muitos outros já não acreditavam possuir algum tipo de competência.

No decorrer da obra, constata-se a inquietação de Bitita que vivia perambulando em busca de melhoria de vida. Todavia, em muitos lugares, era explorada e enganada, depois mandada embora. Seu caminho era trilhado por sofrimentos e humilhações. Os próprios

familiares a rejeitavam. Residia em um mundo composto por poucas oportunidades e muitas recusas. O desconforto que sentia pela sua situação resultava em suas buscas.

Um momento a destacar ocorre quando a protagonista decide demitir-se, e sua patroa Fiica diz: "Eu acho vocês, negros, um povo muito difícil. Se vocês são desorganizados, é porque vocês querem. O que é que você lucra nas suas andanças?" (JESUS, 2014, p. 195). As andanças, a que se refere a patroa, destinavam-se à procura de um caminho melhor. Percebe-se, ainda, como os patrões acreditavam que os trabalhadores deviam acostumar-se à submissão de serviço que não trazia melhorias, possibilidade de crescimento significativo ou mesmo a chance de construir um teto.

Esse tipo de visão corrobora para o pensamento de que o negro deve contentar-se com a vida que lhe é oferecida, e de que as mulheres pobres têm que se adequar a não ter tempo disponível dentro do próprio lar, pois as patroas precisam que suas vontades sejam cumpridas. É possível notar que, na relação entre patrões e empregadas, tornam-se evidentes situações de tensões e de preconceito. A mãe de Bitita dizia que os brancos eram os donos do mundo, tendo aprendido apenas a dizer "– Sim, senhora, sim senhor". (JESUS, 2014, p. 136).

Ao longo da narrativa, é evidente o quanto a personagem estava cansada de viver às margens e de ter uma vida estagnada sem um amanhã promissor. Estava conhecendo a parte amarga do mundo, porém o seu maior desejo era dar auxílio a sua mãe, pois sentia vergonha de não terem uma casa. Ela dizia que "tinha a impressão de que não era ninguém" (JESUS, 2014, p. 174). A vida de andarilha tornava-se cada vez mais cansativa e árdua, sentia que havia se transformado em uma moeda circulante. Há um trecho em que a mãe da Bitita diz "– Nós viramos ciganos. É horrível estar hoje aqui, amanhã ali." (JESUS, 2014, p. 190).

Em suas andanças, quando chegava na casa dos familiares, os próprios parentes olhavam com cara de nojo, o que a feria profundamente. Negavam comida, ou davam qualquer coisa. As suas primas podiam comprar roupas, vestidos de seda; enquanto Bitita mal conseguia tomar banho e tinha uma saúde debilitada devido ao ferimento na perna que nunca sarava. Em uma dessas ocasiões, foi para a casa de uma conhecida chamada Dona Maria que a colocou para dormir no galinheiro, tornando nítido o quanto a personagem não era bem-vinda em diversos lugares.

Bitita pensava que, ao readquirir saúde, conseguiria viver bem, mas se enganou. Os dias continuavam funestos e os seus sonhos não se concretizaram. Para ela, a sua vida era semelhante

a uma pedra que não podia erguer, o que a fez adquirir o hábito de não reclamar nem lamentar. Questionava-se: "Para que mortificar-me com o impossível?" (JESUS, 2014, p. 194).

O caminho da protagonista era trilhado por sofrimentos e humilhações. Foi acusada injustamente de roubar o dinheiro do padre Geraldo Magalhães, sendo presa por dois soldados e um sargento. Naquela circunstância, compreendeu que todos os pretos deviam passar por isso. Em um determinado momento, quando o soldado ia agredi-la, o telefone tocou para informar que o padre tinha encontrado o dinheiro.

Também foi presa por um mal-entendido em que distorceram o que ela havia dito, e a sua mãe foi levada ao tentar defendê-la. Juntas passaram cinco dias presas e sem comer. O sargento mandou um soldado para espancá-las com um cacete de borracha. A mãe, para proteger a filha, colocou o braço na frente, que foi quebrado devido às pancadas. Esse ato perverso prejudicou ainda mais a vida das duas, pois a mãe ficou limitada para trabalhar com o braço quebrado.

A personagem Bitita faz crítica aos próprios negros que só queriam frequentar bailes e beber, não tinham vontade de estudar e de trabalhar. Nesse aspecto, é válido ressaltar a visão dela, mas compreender que havia participação do próprio Estado e da falta de oportunidade. O desemprego e o emprego precário sempre foram prevaletentes na realidade periférica. O fanatismo por bailes pode ser interpretado como anestesiamento político ou de laço comunitário, daqueles que viviam na contramão de um caminho revestido pela mesmice e pela falta de perspectiva. Assim, o corpo, a festa e o álcool representam o refúgio encontrado.

A situação do machismo é manifestada não só na violência contra a mulher, como também no discurso de que a mulher deve obedecer ao homem. A própria Bitita questiona: "Tem mulher que diz que o homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espanca cruelmente?" (JESUS, 2014, p. 87). Esse tipo de situação faz parte da construção social. Na obra, são vistos casos abusivos, como homens que chegavam bêbados em casa e espancavam as esposas. O discurso de que o homem deve mandar e a mulher deve obedecer corrobora para que essas situações permaneçam, ainda mais quando se trata de mulheres pobres que vivem em situações precárias e não têm nenhum tipo de apoio.

Há também relatos marcantes que mostram a hierarquização entre o rico e o pobre. São descritos abusos sexuais cometidos pelos filhos dos patrões, em que vozes femininas eram silenciadas.

Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha. O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira. (JESUS, 2014, p. 38).

A narrativa representa a objetificação e a violência contra as mulheres, que após serem abusadas e ficarem grávidas tinham que esconder que o filho era neto do “doutor X”. As formas de manifestações do machismo demonstram o quanto a agressividade consegue alcançar o ápice, visto na descrição de “quantas mães solteiras se suicidavam.” (JESUS, 2014, p.38).

As meretrizes também são exemplos da objetificação da mulher. A disputa para conseguir homens era tremenda e não havia seleção. Relacionavam-se com homens sujos e com dentes podres. As viajantes eram endeusadas no nicho: viajavam e conheciam lugares, estavam sempre com dinheiro e enviavam para ajudar a família. Pediam às mães para que cuidassem das irmãs, porque era horrível ser "mulher à toa", para que as forçassem a casar-se, pois era melhor “ser” de um homem do que ser de vários. Nessa linha de pensamento, observa-se tanto a vida sacrificada para conseguir dinheiro, como também o termo utilizado "ser de um homem" que remete ao homem possuir a mulher.

A superioridade entre os ricos e os pobres, os brancos e os negros, é presente em diversos aspectos. Somente os homens ricos podiam dizer: "Sabe com quem você está falando?" (JESUS, 2014 p. 38) para manifestar autoridade. O próprio espaço físico demonstra essa desigualdade, visto que "No alto das casas, moravam os donos. Nos porões, moravam os pretos" (JESUS, 2014, p. 45). A diferença do destino do pobre é predominante, tendo em vista que ao nascer já era destinado a trabalhar na enxada, enquanto os filhos dos ricos eram criados nos colégios internos.

Mesmo após o final do governo mencionado na obra, que possibilitou que os negros estudassem, a diferença continuava presente, pois os pobres completavam o quarto ano e recebiam o diploma, mas não tinham possibilidade de estudar o curso ginasial, enquanto as crianças ricas prosseguiam nos estudos. Também é descrito que era difícil um rico morrer, porque sempre que adoeciam procuravam o médico. Por outro lado, quando os pobres conseguiam dinheiro para ir ao médico, já era tarde.

A exclusão do negro é constante: não sabiam ler, não serviam o exército porque não eram registrados nem sorteados. Além disso ninguém tinha registro, então não era necessário o atestado de óbito para sepultar os mortos. Fatores como esses demonstram o quanto os negros não tinham valor, e como apenas os brancos eram considerados brasileiros.

O preconceito racial também é manifestado por quem era mulato, dado que se consideravam superiores aos negros, ainda que inferiores aos brancos. A tia da personagem Bitita é um exemplo, uma mulata que se esforçava para viver igual aos ricos brancos, e dizia que em "casa de mulato, o negro não entra" (JESUS, 2014, p. 70). Além do mais, houve um projeto que declarava que, se o mulato tivesse o cabelo liso, era considerado branco, e, se tivesse o cabelo crespo, era considerado negro. Essa divisão afeta a própria Bitita, uma vez que acreditava que a mãe preferia o seu irmão e o tratava com carinho, porque ele era mulato.

Outro aspecto ressaltado na obra é a prisão dos negros sem motivo. Quando havia algum tipo de conflito, o negro ia preso sem explicação e muitas vezes apenas por olhar. A prisão da mãe da Bitita é um fato a destacar, visto que foi presa enquanto lavava roupas para conseguir dinheiro e comprar alimentos. O pensamento da Bitita é relevante ao afirmar que "Só as pretas que vão presas" (JESUS, 2014, p. 31). Miranda (2019) pontua que episódios como esses na narrativa acentuam a arbitrariedade da punição que pessoas negras sofriam, somente por serem negras. A cor da pele justificava as ações dos brancos. Como exposto na narrativa,

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto. (JESUS, 2014, p. 55)

Os policiais perseguiram os jovens pobres. Os homens viam-nos como os gatos veem os cães, o que era contraditório, pois os policiais também viviam na pobreza e conheciam as dificuldades que os desfavorecidos enfrentavam. Dessa forma, esse fato pode ser marcado pela falta de consciência social e de classe, uma vez que a posição de policial fazia com que existisse a falta de sensibilidade com a vida do outro ainda que estivesse situado na mesma condição precária.

Um ponto a destacar é o personagem Humbertinho que aparece brevemente na obra. Ele era branco, filho do juiz, serviu no Exército e, às vezes, vestia a farda. Todos o temiam por ser filho do juiz. Humbertinho jogou limas no rosto de Bitita, pegava no seio das meninas e apertava fazendo-as chorar. O fato de o personagem usar farda sem motivo chama atenção por ser um uniforme que impõe um suposto "respeito", que, na verdade, é um temor gerado de forma violenta e opressora, composto por uma autoridade arbitrária e perversa. Tendo em vista que há a sensação de que, ao usá-la, é ocupado um lugar mais alto, e essa superioridade criada dá abertura para o entendimento de poder fazer o que quiser sem nenhum tipo de consequência.

Bitita questiona se os filhos do juiz não deveriam ter educação e podiam fazer o que bem entendessem. Enquanto o juiz queria que os pobres andassem na linha, os meninos pobres demonstravam mais educação do que o próprio filho. A parte em que ela reage, após ser atacada com as limas pelo Humbertinho, é um ponto relevante porque as outras meninas não reagiam quando eram assediadas pelo personagem. Mas Bitita diz que nela ele não iria encostar, além disso enfrenta o juiz que a ataca diante da situação.

O filho do doutor Brand era atrevido e não tinha respeito pelas pessoas porque era “o filho do juiz”. Durante o conflito, quando Brand reage para bater em Bitita, ela repete um discurso do Rui Barbosa sobre o branco ter que dar exemplo. Após o embate, o juiz deixa a cidade com a sua família. Quando as pessoas viam a Bitita na rua, sorriam e a olhavam como uma menina inteligente que havia limpado a cidade. Muitos diziam que o mencionado discurso de Rui Barbosa fez com que ele retrocedesse.

A questão da imigração europeia presente na obra realça a condição de estagnação social do negro como resultado de um investimento da nação. Miranda (2019) enfatiza a comparação entre os dois grupos: os negros e os imigrantes. Os estrangeiros, por serem brancos, conseguiam se posicionar habilmente no território, enquanto os negros permaneciam excluídos do acesso pleno à cidadania. Justamente por não haver um lugar para o negro é que *Diário de Bitita* mostra o princípio da busca por pertencimento: o fato de não permanecer, o movimento de caminhar, migrar, locomover-se. Pela ótica do deslocamento, aspecto fundamental da diáspora, a autora Carolina Jesus deslinda a premência da raça como instaurador da diferença.

Os negros eram despejados quando se achava que não valiam mais. O Estado brasileiro trouxe os imigrantes brancos para clarear o país. Enquanto o estrangeiro chegava pobre e ficava rico, os negros continuavam na pobreza. Os próprios brasileiros ricos não ajudavam os brasileiros pobres. Os estrangeiros mesmo sendo analfabetos dominavam o comércio. Em contrapartida, para o brasileiro analfabeto, não havia espaço para progredir. A vida do pobre era degradada, como visto na obra: "Não me agradava aquele modo de vida dos pobres. Não podia nem classificar aquilo de vida, sofriam mais do que os animais. Que luta para conseguir dinheiro nas cidades do interior." (JESUS, 2014, p. 98).

Na obra, é notável a presença do cativo no cotidiano dos negros e nas dificuldades enfrentadas. Segundo Miranda (2019), esse aspecto pode ser compreendido no seguinte trecho: “Para mim a escravidão havia amainado apenas um pouquinho. Era horroroso ver os colonos andarem com as roupas rasgadas, remendadas, como se fossem mendigos” (JESUS, 2014, p.

160). Além disso, frisa a permanência da colonialidade construindo o sujeito branco, edificando sua visão de mundo e o seu dever. Os fazendeiros davam as terras para os colonos plantarem, todavia expulsavam-nos quando a época da colheita estava próxima para não terem que pagar. Na visão de Bitita o que os empobreceu foram as andanças pelas fazendas, visto que os fazendeiros não pagavam.

Bitita compreendia que entrava governo, saía governo, o pobre continuava sempre pobre. Nas pequenas cidades, não havia progresso. As pessoas tinham que se locomover para as capitais, de um Estado para o outro, em busca de um novo estilo de vida, dado que não havia efeito da política no interior.

A revolução no período do governo de Getúlio Vargas é marcada na obra:

Quem estava fazendo aquela revolução eram os ricos. Mas eles revoltaram-se por quê? Quem deveria e deve revoltar-se somos nós que somos pobres, que trabalhamos sem melhorar a nossa condição de vida, ganhamos apenas as unidades que não cobrem as nossas necessidades. Temos que ficar semialfabetizados porque o curso superior está ao alcance dos poderosos somente. (JESUS, 2014, p. 160)

As pessoas falavam que a revolução foi benéfica para o povo, pois modificou o padrão de vida do operário. O salário era compensador, assim existia a possibilidade de ter conta bancária. O operário estava satisfeito com as leis, e Getúlio Vargas foi cognominado de “o pai dos pobres”. As mudanças podem ser vistas:

O povo era disciplinado. Não havia conspirações porque o povo não era oprimido. Eles tinham possibilidade de adquirir o que necessitavam sem serem oprimidos, sem sacrificarem-se. Todos vestiam-se bem. Nas ruas não se distinguia quem era o pobre de quem era o rico. Os preços estavam ao alcance de todos. (JESUS, 2014, p. 171)

A modificação apontada é positiva, contudo, é válido ressaltar que a melhoria na vida dos negros foi transitória. A desigualdade, as diferenças entre o rico e o pobre, as diversas formas de opressões raciais e sociais são presentes na realidade do povo brasileiro.

A obra *Diário de Bitita* demonstra o quanto a vida do negro era marcada pela mesmice e pela indiferença, trilhada por um caminho cheio de pedras e de sofrimento. Na narrativa, é possível observar diversos aspectos e discursos que originaram as construções sociais que ainda prevalecem. A impressão da personagem de que estava sobrando no mundo e de que não era ninguém faz parte dos sentimentos e sensações que são comuns na vida do negro e do pobre. A protagonista era inquieta diante de sua situação, sempre procurava um novo caminho e um

padrão de vida diferente, porém é visível como muitas vezes a mudança ocorria somente na localização, pois as histórias eram semelhantes mesmo em lugares diferentes. São vivências que consolidaram a perspectiva de Bitita de que não entrou no mundo pela sala de visitas, mas pelo quintal.

CAPÍTULO II

A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.
Conceição Evaristo

Becos da memória

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma escritora negra brasileira. Nasceu em 1946 em Belo Horizonte. Migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970, onde concluiu a graduação em Letras pela UFRJ e trabalhou como professora da rede pública na capital fluminense. Concluiu o mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro defendendo a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996). Em seguida, o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense tendo defendido a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011).

A autora é participante ativa dos movimentos em prol da valorização da cultura negra no Brasil. Em 1990, estreou na literatura após publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*, além de escrever poesia, ficção e ensaio. Suas obras abordam temas como discriminação racial, de gênero e de classe. Em 2006, traz à luz o segundo romance chamado *Becos da memória* em que retrata, com o mesmo realismo poético do livro anterior, *Ponciá Vicêncio*, o drama de uma comunidade favelada em processo de demolição.

Becos da memória é construído por uma narrativa fragmentada, que retrata a situação dos moradores da favela que estava prestes a ser demolida. O apelo do fardo e da memória são pontos que estruturam a obra. Uma junção de retalhos é entrecida entre becos ao decorrer do drama através do olhar da personagem Maria-Nova, por meio da sua escuta atenta e dos seus questionamentos. A personagem tinha interesse pelas histórias do seu povo, uma vez que desejava poder contá-las e dar voz àqueles que não são ouvidos.

Os relatos de vidas, como grande parte das vidas negras, quase nunca foram doces. Trata-se de uma reconstrução do passado presentificado na narrativa. A narradora joga luz sobre experiências com o holofote mirado e fincado em seu tempo e dos demais à sua volta, de modo que reflete ocorrências atuais de pessoas que vivem em comunidades.

A vida dos moradores da favela estava construída e de repente tiveram que procurar outro modo de viver, sendo retirados do lugar em que nasceram, viveram e criaram raízes; havia famílias que moravam lá há anos ou décadas. Na obra é descrito que embora não fosse um bom local, as pessoas já estavam habituadas com suas vidas, "Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos." (EVARISTO, 2020, p. 71).

À medida que o desfavelamento acontecia, as famílias perdiam cada vez mais suas forças, um desânimo amolecia a todos, as pessoas passaram a ter medo de si e dos demais. O sistema tentava dirigir o ódio uns contra os outros, para que não houvesse possibilidade de união para manifestar-se contra. O poder da opressão que limita e paralisa é uma forma de tortura presente que fazia as pessoas sentirem que não havia ninguém por elas. Sentimento próximo da morte, do não ter o que ser, do morrer de não viver. A falta de água é a perversidade visível para expulsá-los o mais rápido possível. Ao decorrer do desfavelamento alguns personagens morrem, esse fato demonstra como a pobreza tornou-se ainda mais cruel.

O plano de desfavelamento aborrecia todos os moradores da favela. Após um ano do ato não havia nenhum esclarecimento do porquê aquilo estava acontecendo. Na obra é descrito que "Nem eles sabiam direito por que estava erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez." (EVARISTO, 2017, p. 116). Essa prática opressora demonstra o quanto a demolição era uma forma de higienização, no intuito de retirar aqueles que estavam à margem, que viviam em situações precárias e agravar ainda mais suas condições de vida. A obra funde na escrita uma camada brasileira socialmente oprimida, tendo em consideração que é visível a presença do poder repressor no desfavelamento como método necropolítico.

Dentro do cenário literário brasileiro, raramente o negro foi focalizado e teve lugar de destaque. A personagem Maria-Nova dá voz ao seu povo, fala de um lugar à margem e ignorado composto por pessoas consideradas invisíveis. Sua narrativa retrata as mazelas sociais e o desprezo dispensado pelas classes dominantes. "O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito." (EVARISTO, 2017, p. 63).

Assim como propõe Regina Dalcastagnè (2008), a obra é uma forma de compreender "um pouco do que é ser negro no Brasil", e o que "significa ser branco em uma sociedade racista". O modo como a Maria-Nova dá espaço à história e à memória dos moradores da favela

é um caminhar oposto ao imposto pela sociedade, visto que os mesmos sempre foram silenciados, marginalizados e esquecidos, propositalmente, em lugares traçados por violência e por degradação.

É possível analisar que diante da grande tensão do desfavelamento, após o crescente processo de expulsá-los e destruir o único lugar ao qual os moradores pertenciam, não há, em nenhum momento, algum tipo de reforço de pessoas de fora para impedir que isso aconteça. Os próprios moradores não acreditavam nos políticos quando faziam discursos no período de eleição. Torna-se visível que os habitantes da favela não tinham ninguém por eles, como também não tinham voz para evitar a demolição.

O personagem Tito Totó é um exemplo lúcido do quanto o sofrimento transforma a pessoa e rompe com qualquer tipo de esperança. O seu descontentamento representa o sacrifício para encontrar um lugar que lhe pertença. A ausência de um chão firme e de uma raiz sólida, que é frequente na vida do negro e do pobre, demonstra o quanto os moradores da favela eram obrigados a viver às margens da sociedade, em lugares cada vez mais afastados. Essa falta de fixidez corrobora para a falta de identidade composta pela opressão.

No início da obra, Tio Totó é caracterizado como um moço de tantas coragens, proezas e aventuras, contudo sentia o quanto a vida era uma “perdedeira”. Perdeu Miquilina e Catita ao chegar à outra margem do rio, perdeu os pais, perdeu um lugar e estava perdendo a favela. Observa-se que era representado como um homem forte no seguinte trecho: “Totó era homem duro. Não morria por qualquer coisa. Talvez ele nem fosse morrer. Pedras pontiagudas batiam sobre o seu peito, sagravam seu coração e o Tio Totó ali duro.” (EVARISTO, 2017, p. 29).

Essa dureza do personagem é consumida pelo cansaço, pela dor de carregar a falta dos seus, pela tentativa de encontrar outras formas de viver por tanto tempo. O envelhecimento do Tio Totó não se deu aos anos passados, mas pelo tempo contado em dores que teve em sua vida. É nítido como o desejo de morrer aumentava, ele sentia que a vida estava mais uma vez ludibriando, que tudo estava dando errado. Tudo estava pior, como se as dores passadas estivessem presentes e vivas. O seu envelhecimento, as feridas não cicatrizadas e o cansaço representam as dores de uma vida sofrida, como muitas outras vidas presentes na favela, de pessoas que percorrem o caminho colecionando pedras constantemente.

Outro exemplo de cansaço presente na obra é da personagem Cidinha-Cidoca, uma mulher bonita, conhecida por ter “rabo de ouro”, pois não havia quem não se tornasse cliente. De repente, passou a andar descabelada, com um olhar vazio. Começou a desejar a morte e

quando alguém a questionava sobre o motivo, respondia que ia “morrer de não viver”. Assim, morreu inexplicavelmente no buracão da favela, lugar que nunca houvera morte por queda, pois não era fundo o suficiente, e em seu corpo não havia marcas ou feridas.

Cidinha-Cidoca foi enterrada como indigente. O questionamento de Maria-Nova diante da situação é um ponto a ser destacado, “Afinal todos, ali na mesma miséria, o que eram se não indigentes?” (EVARISTO, 2017, p. 159). Além de não terem uma vida digna enquanto vivos, mortos são enterrados como se não tivessem nenhum valor. A crueldade dentro da favela era crescente, a miséria tornou-se ainda mais dolorida, pois havia mortes.

O sentido da morte é um fator significativo dentro da obra, tendo em vista que há a perda da favela, da esperança de todos; a morte pela miséria, pela falta de pertencimento e de um lugar no mundo; o fim daqueles que estavam sucumbindo à opressão, de pessoas que trilhavam os seus caminhos colecionando pedras, daqueles que estavam no ápice do esgotamento. A vida dos moradores chegou a um determinado momento em que muitos não aguentavam continuar vivendo. Alguns moradores morreram, como o Zé da Guarda, a Velha Isolina, o menino Brandino, a jovem Marieta, a Cidinha-Cidoca, a Filó Gazogênia e outros.

A morte não acontecia de repente, havia aqueles que morriam dia após dia, como o exemplo do Tio Totó. Maria-Nova, ao acompanhar o processo de dor do personagem, compreendia que aquilo significava o seu compromisso de busca por uma vida melhor. Nesse entendimento da busca por uma vida diferente ligado às mortes, torna-se possível destacar o discurso do personagem Bondade para a protagonista:

Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livre de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. (EVARISTO, 2017, p. 111)

A personagem Fuiinha representa a violência vivida por ser mulher. Após a morte da mãe, cresce diante das dores e da violência que sofria pelo seu pai, que se dizia dono de tudo, foi dono da mulher até a morte, em seguida passou a ter a filha como sua. O machismo presente na visão e nas atitudes do pai demonstra a agressividade, pois para ele mulher era para tudo, apanhar, gozar, bater. Espancava a esposa até sangrar, após a sua morte passou a abusar da filha. Fuiinha é uma mulher completamente silenciada, e o seu silenciar não consiste apenas em não ter voz sobre a própria vida, o silenciamento tomou espaço de modo que não conseguia mais falar.

A vida composta pela agressão, pela miséria e pelas dores transformou a personagem em uma pessoa aprisionada em seu próprio sofrimento. Pode ser visto na descrição, “havia a miséria das pessoas que trazem o coração trancado para qualquer ato de amor. E essas pessoas acabam atraindo para si o ódio de todos os demais. Fuiinha era dessas pessoas.” (EVARISTO, 2017, p. 78).

O personagem Negro Alírio é emblemático na obra por ser uma pessoa consciente diante da própria realidade. Embora preocupado com toda a situação, permanecia firme, lúcido, com um solo firme debaixo dos próprios pés. A construção do seu nome, Negro apelido e Alírio nome, deu-se pelo prazer de poder ouvir a palavra “negro” ser pronunciada por outro negro, pois só ouvia o termo na voz de pessoas brancas e sempre de forma negativa, normalmente para apontar defeitos ou xingar, como negro safado, baderneiro e outros mais.

O primeiro emprego que Negro Alírio conseguiu na cidade foi na área de construção civil, dormia na construção e aproveitava a noite para ler e ensinar os operários que quisessem aprender. Motivava os demais e ensinava que mais importante do que aprender a ler, era necessário que aprendessem a ler a própria realidade e o modo de vida que viviam. Ele não cansava de dizer na favela que aquilo não era vida. “Que os grandes, os fortes, os que estavam do lado de lá, queriam que todos os do lado de cá fossem realmente fracos, bêbados e famintos” (EVARISTO, 2017, p. 141).

O intuito dos grandes era dirigir o ódio dos moradores contra eles mesmos para que se tornassem inimigos. Esse aspecto torna-se nítido ao perceber-se o quanto o desfavelamento transformou o clima da favela, pois todos estavam desestruturados. As pequenas coisas diárias, que eram corriqueiras, tornaram-se motivos para desentendimentos, havia brigas por tudo e por nada. O inimigo era quem estivesse mais próximo, todos estavam consumidos pelo ódio, pelo desamparo e pela amargura. Não havia o reconhecimento de que todos estavam na mesma situação, na mesma miséria. E os grandes estavam ganhando mais uma vez, visto que “havia famílias que, quando o caminhão de mudanças aparecia, elas mesmas se ofereciam para ir. Ficar ali tinha se tornado um inferno” (EVARISTO, 2017, p. 156).

O personagem Negro Alírio era um homem cheio de esperança e de ânimo, mas muitas vezes os seus discursos caíam no vazio diante do tamanho desespero daqueles que não viam mais saída. Apesar de ter se mudado para a favela recentemente, tomou as dores de todos, todavia ninguém acreditava mais em qualquer tipo de solução. Ele juntou-se com o pessoal da favela para ir até a firma na tentativa de exigir que retirassem os tratores. Além de toda

chateação por conta da demolição, os tratores remetiam à dor, tanto de tudo que estava acontecendo quanto da lembrança daqueles que haviam ido embora. Contudo, a atitude não teve resultado, pois algum tempo depois chegaram mais tratores para continuar o desfavelamento.

A educação aumenta a capacidade de ser livre, o que explica a importância da leitura que o personagem Negro Alírio descreve na obra. Assim como ele, Maria-Nova é uma das pouquíssimas pessoas que sabe ler na favela. Em síntese, a falta de conhecimento do mundo letrado é um fator determinante na manutenção da desigualdade entre o branco e o negro. Por isso existe a força contrária de que negros ocupem lugares que antes só eram ocupados por brancos, dessa forma aqueles que estão no poder projetam estrategicamente formas de impedir que o conhecimento chegue a todos.

A protagonista Maria-Nova cresceu violentamente por dentro, mesmo sendo mais nova a vida não brincava, ela era obrigada a saber viver. Há um trecho que afirma que “Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo” (EVARISTO, 2017, p. 76). Ela carregava em si as dores de todos e as narrativas que ouvia. Em um determinado momento em que Maria-Velha e Tio Totó trocavam histórias, Maria-Nova estava quieta escutando tudo. As pedras que os dois colecionavam eram escancaradas, ela escolhia as mais perfurantes e guardava em seu coração. Na obra é configurada a ligação da personagem com pessoas mais velhas, e esse aspecto traz a representação de que a mesma simboliza o presente, o passado e o futuro.

Dessa forma, cresce aprendendo a ouvir atentamente as histórias daqueles que a cercavam. A escrita é a ferramenta que encontra para um dia poder dar voz àqueles que não têm o poder de fazer ecoar as dores de pessoas que tiveram uma vida composta por silêncios, gritos abafados, dores e lamentações. A escrita pode ser vista como um modo de se reafirmar no mundo e de se reconhecer como alguém. Assim, afirma Dalcastagnè (2015, p. 49)

Escrever, especialmente para aqueles que recém adquiriram essa capacidade, também pode ser uma maneira de reafirmar sua presença no mundo. Colocar-se em palavra seria, nesse caso, uma forma de ser alguém, de participar de uma coletividade marcada pela escrita, e ao mesmo tempo, ser reconhecido como indivíduo, portanto único.

O desejo de escrever narrado na obra parte de uma personagem, que mesmo nova, soube observar e nunca esteve presente de forma passiva diante dos acontecimentos. Maria-Nova sentia tudo a sua volta, por isso a sua escrita representa toda uma coletividade de moradores que viviam entre becos. As narrativas recolhidas são de pessoas com vidas excluídas, sofridas, com experiências subalternas, que construíam suas histórias com migalhas e miséria. Apesar de

tanta dor e sofrimento, existe na personagem o amor e a generosidade ao almejar compor um livro.

A trajetória da protagonista Maria-Nova como agente de resistência diante do desfavelamento, compreendido como execução fascista, é manifestada no modo como se relaciona com as pessoas ao seu redor. Assim, é fundamentada uma reação antifascista cujo alicerce é a afetividade. A disseminação do fascismo se configura em manifestações opressoras, as quais invisibilizam e oprimem quaisquer vozes que se expressem de forma oposta, pois são presentes múltiplos formatos de silenciamento e de violência.

Assim como sugere Henrique Samyn (2020), é necessário compreender a importância da posição da protagonista como “colecionadora de histórias”, desse modo a mesma não compila relatos passivamente, pois o seu modo de agir tem um sentido criador. A disposição ímpar de escuta de Maria-Nova tem destaque pela abertura de estar atenta ao outro, do acolhimento às vivências alheias. A audição atenta referida compreende a capacidade de viver aquilo que é ouvido, mesmo que traga dor. A receptividade presente colabora para que ela seja capaz de construir uma relação diferenciada como, por exemplo, com o personagem Bondade: “Coisas que ele não contava para gente grande, Maria-Nova sabia” (EVARISTO, 2017, p. 37).

O processo de amadurecimento da personagem é composto pela alteridade, pois ela constrói sua compreensão crítica do mundo a partir da consciência de que suas experiências estão registradas em uma coletividade. Há o rompimento de determinação do seu próprio caminho e da definição de si, pois, antes mesmo de alcançar a maturidade, a personagem transforma sua vida num espaço de partilhamento, que a encaminha para um processo de desindividualização ao entender que suas dores são as dores dos que a rodeiam. Nessa perspectiva, Samyn (2020) enfatiza o processo dialético que se configura na personagem Maria-Nova, visto que a ela conhece a si no momento em que conhece as existências dos que a cercam. O seu mundo é construído ao oferecer-se aos outros, acolhendo dores e tristezas.

Como observa Henrique Samyn (2020), a protagonista por meio da sua disposição à alteridade, enfrenta a situação numa rede de afetos que compõe o acolhimento da diferença, em consequência promove uma ação política revolucionária. A troca presente entre os que a rodeiam é uma potência transformadora, pois, embora o desfavelamento realmente aconteça, há a esperança na sua ancestralidade. Essa esperança mantida em seu coração contribui para a reconstrução de uma humanidade que encontra em si forças para seguir em frente, assim pode ser vista como potência na luta contra as expressões do fascismo.

A memória da protagonista Maria-Nova é fundamental no que se refere à identidade negra, o ser e estar no mundo como negro e suas vivências. Além de tratar dos lugares que o negro ocupa, das formas de resistências e dos métodos utilizados para retratar a realidade do afrodescendente. Nesse sentido, Elisângela Costa (2014) considera que a obra mostra a impossibilidade de extinguir a trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil, pois, por meio da recriação de uma parte dessa história, retira-se o negro da invisibilidade. A memória é a ferramenta primordial utilizada para que essa identidade seja reconstruída e questionada.

O negro sempre buscou manter laços com a cultura de matriz africana como forma de resistência à perda acarretada pela violência do desarraigamento de seu continente e à imposição de uma cultura europeia como tentativa de apagamento da sua. Como visto na obra, “O samba, o som, a alegria voavam alto. (...) O som do pandeiro, da cuíca, do atabaque, das vozes saía de dentro de todos.” (EVARISTO, 2017, p. 72).

Nessa perspectiva, de acordo com Costa (2014), a identidade negra vista como inferior é fortalecida ao ganhar espaço no contexto narrativo, arquitetando na sociedade um modo de ser negro que recupera o espaço retirado, principalmente na época da escravidão, quando o negro foi silenciado e proibido de expressar suas crenças, religiões e costumes, sendo forçado a seguir uma cultura branca ocidental.

No processo de desterritorialização da linguagem oral promovido na obra, apesar de marcado pela escrita, há o atravessamento pela oralidade. Costa (2014) afirma que essa elaboração pode ser compreendida como um posicionamento crítico da autora Conceição Evaristo em relação à língua padrão, no intuito de rasurá-la e dar visibilidade à diferença afro-brasileira. Nessa linha de pensamento, retoma-se a presença de práticas da cultura de matriz africana que foram silenciadas tanto pela literatura quanto pela História, mas que com o passar do tempo foram misturas das práticas de cultura branca e incorporadas como cultura geral brasileira. Desse modo, ao retratar a memória coletiva é revelado muito das tradições, valores, práticas e saberes que remetem à cultura africana, como impedimento de que seja apagada parte da mistura que remete à cultura negra.

A respeito da elaboração da obra, Costa (2014) pontua a construção da narrativa ao trazer para a cena literária as vozes daqueles que habitam na favela, que mostram a possibilidade de lutar em coletivo contra os estereótipos impostos, corrompendo as definições determinadas

pelas classes dominantes e produzindo uma identidade com segurança e autonomia. Como pode ser observado,

Ela disse se chamar Dora. Ela gostava muito do nome dela, aliás, Dora gostava muito de si própria. Ele disse se chamar Negro Alírio. Negro deveria ser apelido e Alírio o nome, mas ele dissera Negro Alírio. Gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado, negro filha-da-puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais! (EVARISTO, 2017, p. 95).

O orgulho representado pela personagem em relação à cor negra assume uma postura de resistência por parte dos negros, tendo em consideração que foi construído pelo sujeito em posição subalterna para suportar grupos possuidores de privilégios econômicos e políticos. Com isso, valores silenciados estão presentes na obra, a fim de ganhar mais visibilidade na sociedade. Além de ser o próprio negro quem escreve, com suas angústias, sua visão de mundo e seus questionamentos sobre a realidade. A postura da escritora, analisada por Costa (2014), pode ser vista como ato político ao trazer o negro com a sua história individual e coletiva. O que prevalece na obra é a história dos moradores da favela, não apenas de um morador específico, dessa forma há a visibilidade coletiva.

A autora Conceição Evaristo traz a perspectiva de pessoas que moravam às margens e eram designadas aos descendentes de ex-escravizados no pós-abolição. Diante desse entendimento, na obra são presentes os arranjos familiares. É possível observar que existe diferentes tipos de composições parentais na construção dos personagens, tendo em vista que as mulheres, principalmente as pobres, eram mães solo, e, conseqüentemente, chefes de suas famílias.

De acordo com Polliana Freire (2020), os arranjos conjugais e os valores da família conjugal são ancorados no ideal de família burguesa. Desse modo, na obra estão presentes exemplos de arranjos matrifocais que se contrapõem ao ideal de família da elite patriarcal. Comprova-se que “os valores que pautam a organização familiar de muitas famílias pobres se distanciam, em muitos aspectos, dos valores do modelo de família nuclear burguesa” (FREIRE, p. 405). No romance, as personagens integram um modelo de arranjo que é formado em torno dos mais velhos ou pelas mulheres e seus filhos. A autora considera que esse tipo de arranjo familiar tem uma estrutura matrifocal.

A personagem Joana, mãe solo de Maria-Nova, era a provedora da casa. Freire (2020) dá destaque a esse exemplo para demonstrar que diferentemente das mulheres de classe burguesa, para as quais a organização social destinava o espaço privado, as mulheres pobres

estariam às margens, uma vez que com a força do trabalho tentavam manter a família e o lar. Com base nesse aspecto, pode ser compreendido que o modelo ideal de família não se adequava a todo corpo social, apenas favorecia as mulheres cujos maridos eram o provedor da casa.

A sentença – que dá tônica durante a narrativa – e abre a obra “Vó Rita dormia embolada com ela” (EVARISTO, 2017, p. 15), é o primeiro arranjo familiar. Aparentemente homoafetivo, formado pela parteira e pela Outra, a “leprosa”. Essa metáfora, assim como afirma Freire, pode ser compreendida como nojo, o asco associado ao diferente. Traz a marca, também, de que o romance não será a história de uma família, mas a história das famílias. Esse tipo de arranjo pontuado é próprio de uma sociedade diversa e plural. Assim, caracteriza

Há as famílias monoparentais, como a formada por Filó Gazogênia, os filhos e a neta; a família homoafetiva, constituída por Vó Rita e a Outra; a grande família anaparental formada por Bondade e por todas suas famílias da favela cuja relação se estabelece com base no acolhimento e na confiança mútua. Também há a representação de famílias constituídas com base em uma releitura da poligamia, como é o caso do arranjo familiar formado por Joel que vive amasiado com três irmãs, Balbina, Mundica e Lica; ou, ainda, baseada na multiparentalidade, como a formada pela viúva Maria Domingas que, após a morte da vizinha Negra Tuína, cria seus dois filhos, os gêmeos Tita e Zuim; ou também pelo arranjo nuclear formado por Negro Alírio, Dora e o filho que está para nascer. (FREIRE, 2020, p. 409-410).

Polliana Freire (2020) afirma que, devido ao protagonismo de personagens femininas, o romance pode ser compreendido como histórias das mulheres, principalmente por subverterem valores sexistas do núcleo familiar burguês. Na obra há o principal núcleo familiar, que é construído por uma mãe solo que cria os seus filhos, como a Mãe-Joana; exemplifica, também, aquelas que não romantizam a maternidade, como Dora; o aborto, vivenciado pela personagem Ditinha. Nesse sentido, muitas mulheres, devido às circunstâncias, buscam outros tipos de sobrevivências.

Diante das configurações familiares de bases matrifocais, Freire (2020) destaca que ainda que entre os séculos XVI e XIX a matrifocalidade não se limitou às classes pobres. Existem vários estudos que confirmam que a pobreza seria o principal elemento que conduz a ela. Desde os primeiros séculos da colonização, a matrifocalidade era a base da pirâmide imaginária que constituiu a estrutura familiar do Brasil. Os arranjos familiares se fortaleceram entre as mulheres pobres que chefiavam suas famílias. É válido salientar que existiam muitos filhos indesejados, frutos de violências sexuais, e também filhos legítimos e ilegítimos que ficavam sob a responsabilidade das esposas, pois os maridos viviam migrando.

Em relação à sororidade, são exemplificadas variadas formas de solidariedade e alianças entre os moradores da favela, como o apoio à personagem Ditinha, que ao ser presa tem sua família amparada pela comunidade. Assim, é possível perceber que em *Becos da Memória* existe um feminismo que mobiliza a narrativa, fazendo com que a sororidade se sobreponha a todas as mazelas que acontecem. Freire (2020) enfatiza que o impulso gerado pode ser visto como feminismo ancestral, que inconscientemente percorre as vivências das mulheres, sobretudo as pobres.

Assim, como mencionado por Freire (2020), ao afirmar que as famílias matrifocais representaram uma fenda ao projeto de família nuclear, patriarcal e burguesa, não existe a pretensão de confirmar que os arranjos alternativos estavam ausentes de valores socialmente legitimados. Pois as famílias pobres tentavam aproximar-se ou, até mesmo, atender às expectativas do ideal burguês, contudo, a pobreza impedia que as pessoas preservassem as suas relações. De muitas maneiras o negro é forçado às formas de branqueamento que a própria realidade não comporta.

Desse modo, é possível perceber como a branquitude sempre foi vista como referência em diversos aspectos. Além da obra representar a desigualdade entre o branco e o negro, pois o branco está constantemente no poder, não há a diferença apenas na pobreza ou na riqueza, existe mais adiante, como a cultura e as crenças do negro apagadas, o racismo, a formação familiar que não corresponde à patriarcal. A todo momento o branco é privilegiado, enquanto o negro é excluído social, econômica, educacional e profissionalmente. O Brasil nasce racializado, a questão econômica é estabelecida por meio do corte racial, o que possibilita afirmar que a pobreza no país é negra.

Conforme a perspectiva histórica, a identidade do branco é construída simultaneamente pela invisibilidade do negro. A escravidão, instituída pelos brancos, foi o fator primordial que deu origem aos preconceitos vivenciados até hoje pela população negra. Lourenço Cardoso (2019), explica que a branquitude enquanto conceito

significa a pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, colocando-os, assim, como inferiores aos brancos. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura, e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de vantagens/privilégios raciais simbólicos e materiais.

Na obra é possível perceber o abismo existente entre os brancos e os negros. A imagem do negro é composta por uma visão negativa e estereotipada, em que tem que se agregar ao branco. Os negros, por sua vez, são forçados a lidar com as questões raciais e sociais desde a infância, como é o caso da Maria-Nova.

Becos da Memória possibilita observar os obstáculos que sempre perduraram na vida dos negros e dos pobres. Ao decorrer da narrativa é possível perceber como a opressão consegue espaço para se espalhar por pessoas comuns. A obra é constituída pelo desmonte da favela e pela rede de escuta e de partilha que a protagonista Maria-Nova vivencia. O desejo da personagem pela escrita transforma-se em um lugar onde as experiências se encontram, como também na tentativa de gravar a memória daqueles que residiam na favela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os primórdios da literatura brasileira se constituem de produções majoritariamente escritas por homens brancos. Desconstruindo esse paradigma, a literatura de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo, duas escritoras negras, retrata as camadas mais subalternizadas de nossa sociedade. Essa auto representação é importante, pois em determinado nível tem ligação com a luta pelos direitos humanos. "A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual." (CANDIDO, 1989, p.122)

A literatura é um portal que mostra a violência e a opressão que insistem em silenciar aqueles que vivem às margens. A escrita literária é um campo de discurso. A junção de vozes das autoras e das obras em foco demonstra a representatividade diante do contexto histórico excludente no qual os negros nunca tiveram protagonismo na história nem espaço como escritor, sobretudo como escritora.

Em *Diário de Bitita*, é possível acompanhar o percurso da personagem Bitita pelo espaço urbano. A narrativa possibilita compor um quadro significativo da dificuldade enfrentada ao buscar uma condição de vida melhor. Tanto Bitita quanto os personagens negros que compõem a história sofrem diversos tipos de violência e carregam o peso da indiferença.

A vida de andarilha da personagem Bitita demonstra a dificuldade de encontrar um lugar que lhe pertença e a privação de um espaço próprio, pois sempre que encontrava um local para ficar ou trabalhar, na sequência tinha que o deixar por diversos motivos vistos na obra. A relação com as pessoas que passaram por seu caminho é vinculada à memória individual da personagem, além de demonstrar o caráter das vivências. Por meio de suas experiências, a protagonista pinta uma imagem da cidade e das fazendas que percorreu e retrata os obstáculos enfrentados por ser mulher, negra e pobre.

Ambas as obras são marcadas pela memória. A memória em *Diário de Bitita* é configurada pelo regaste desde a sua infância com os seus familiares que, em sua maioria, eram racistas, conforme exemplos de sua madrinha, sua tia e suas primas. Da mesma forma como retoma a História do Brasil, tendo como referência os portugueses, os escravos, os imigrantes, os políticos da época, descreve o abandono dos negros das lavouras e a ida à cidade.

Em *Becos da memória*, no desenrolar das histórias dos personagens, a tensão pelo processo do desfavelamento une todas as vivências. A destruição da favela fortalece a desigualdade e demonstra a vitória dos que são considerados fortes na sociedade. A memória é ligada à voz da protagonista que se faz coletiva ao tentar resgatar a história daqueles que a cercam ao sentir a necessidade de um dia ser ouvida. A força das palavras que são encontradas em Maria-Nova é uma ferramenta de poder para enfrentar a vida, a sua história e as histórias dos seus que são pautadas pela violência e pela degradação.

Na narrativa, a cidade é relevada como local da indiferença e do descaso e representa um espaço adverso que não acolhe. A favela é um lugar que só pode ser compreendido pelas histórias que o configuram e que ilustram um quadro de memória e de vivência coletiva. A percepção do espaço como eixo característico da negligência traz o reconhecimento da falta de pertencimento associado à questão racial e de classe. O caminho marcado pelas mazelas tem como partida um projeto político que afasta os moradores, ao invés de atender as demandas daqueles que são excluídos e vivem em condição precária.

Pretendeu-se analisar as obras à luz dos estudos pós-coloniais e revisar a construção do cânone literário. Foram observadas as consequências do colonialismo, ainda presentes, a partir das narrativas do cotidiano dos personagens posicionados à margem, tendo em vista que o processo da colonização e a manutenção do poder imperial sempre tiveram como alicerce a exclusão do negro.

Este estudo buscou comentar os relatos da desigualdade, da miséria, das dificuldades diárias, das formas de opressões e do racismo presentes nas trajetórias dos personagens em *Diário de Bitita* e em *Becos da memória*. Compreendeu-se, por fim, que as obras trazem uma perspectiva social que pode ser vista por diversos ângulos, uma vez que a fragmentação de histórias possibilita diversos olhares sobre as protagonistas que norteiam as narrativas, como também sobre os personagens e os contextos de forma geral.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.
- COSTA, L, Elisângela. Becos da memória e do esquecimento. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 67-86, 2º sem. 2014.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações sociais na literatura brasileira contemporânea. *Gragoatá*, n. 24. Niterói, 1 sem. 2008, p. 203-219.
- DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, V. M. Virgínia. (org). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. DALCASTAGNÈ, Regina. Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea. Porto Alegre: Editora Zouk, 2015.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FREIRE, S. F, Polliana. As mulheres e as famílias em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. Araraquara: Letraria, 2020.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.
- LOURENÇO Cardoso: “Temos potencial para abolir o racismo e todas as outras formas de opressão”. São Paulo, 30 de nov. de 2019. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2019-11-30/lourenco-cardosotemos-potencial-para-abolir-o-racismo-e-todas-as-outras-formas-de-opressao.html>>. Acesso em: abril/2021.
- MIRANDA, R. Fernanda. “Diário de Bitita” ou “Um Brasil para os brasileiros”: Pós-abolição e narrativa em Carolina Maria de Jesus. *Revista Athena*, Vol. 17, nº 2, 2019.
- SAMYN, M, Henrique. Maria-Nova contra o fascismo: a construção da liberdade em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes. *Revista Araticum* v.21, n.1, 2020.
- SANTOS, L. S. (2015). *Crescer nas Margens: Diáspora, Migração e Movimento nas Obras de Conceição Evaristo*, Edwidge Danticat e Jamaica Kincaid. Tese de Doutorado em Literatura, Universidade de Brasília, DF, 163p